

FORA DO ARMÁRIO: FOUCAULT E O PENSAMENTO QUEER

OUTSIDE THE CLOSET: FOUCAULT AND THE QUEER THINKING
FUERA DEL ARMARIO: FOUCAULT Y EL PENSAMIENTO QUEER

André Malinski¹

Resumo

De que maneira o movimento e a teoria queer dialogam com as ideias de Foucault sobre sexualidade? Com o propósito de traçar uma investigação acerca desta questão, ampara-se, sobretudo, nos escritos de Tamsin Spargo e Guacira Lopes Louro, postos em cotejamento com as teorizações de Michel Foucault e seus conceitos de “resistência”, “sujeito” e “contraconduta”. Para isso, primeiramente aborda-se a respeito do contexto inicial do movimento e teorizações queer estadunidenses, no qual as ideias de Foucault foram retomadas por David Halperin e criticamente reformuladas por Judith Butler para tratar sobre construções de subjetividade enquanto gênero e sexualidades fora da normatividade.

Palavras-Chave: Foucault; pensamento queer; sexualidades não normativas; contraconduta.

Abstract

In what way the queer movement and theory dialogue with Foucault’s ideas about sexuality? In order to outline an investigation on this issue, the paper sustains, especially on the writings of Tamsin Spargo and Guacira Lopes Louro, put into mutual comparison with the theories of Michel Foucault and his concepts of “resistance”, “subject” and “counter-conduct”. Therefore, at first this paper addresses the initial context of the queer movement and theories in the United States, in which Foucault’s ideas were taken up by David Halperin and critically reworked by Judith Butler to treat about the constructions of subjectivity as gender and sexualities outside of normativity.

Keywords: Foucault; queer thinking; non-normative sexualities; counter-conduct.

Resumen

¿Cómo dialogan el movimiento y la teoría queer con las ideas de Foucault sobre la sexualidad? Para esbozar una investigación del asunto en cuestión, este artículo apoyase, sobre

.....

1. Doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná, na linha Arte, Memória e Narrativa (PPGHIS-UFPR, Bolsista Capes). Mestre pela mesma instituição e linha (2019). Licenciado em Artes Visuais pela Universidade Estadual do Paraná (Embap-UNESPAR, 2016). Contato: andre.malinski@gmail.com

todo, en los escritos de Tamsin Spargo y Guacira Lopes Louro, comparados con las teorías de Michel Foucault y sus conceptos de “resistencia”, “sujeto” y “contraconducta”. Para hacerlo, este texto aborda en primer lugar el contexto inicial del movimiento y las teorizaciones queer estadounidenses, en el que las ideas de Foucault fueron retomadas por David Halperin y críticamente reformuladas por Judith Butler para abordar las construcciones de subjetividad como género y sexualidades fuera de la normatividad.

Palavras-Chave: Foucault; pensamiento queer; sexualidades no normativas; contraconducta.

Introdução: queerização de pensamentos foucaultianos

É filosofia o movimento pelo qual, não sem esforços, hesitações, sonhos e ilusões, nos separamos daquilo que é adquirido como verdadeiro, e buscamos outras regras de jogo.

É filosofia o deslocamento e a transformação dos parâmetros de pensamento, a modificação dos valores recebidos e todo o trabalho que se faz para pensar de outra maneira, para fazer outra coisa, para tornar-se diferente do que se é.

Michel Foucault, 1980: *Ditos e Escritos II*, 2005.

A produção intelectual do filósofo francês Michel Foucault (1926-1984), combinada com suas experiências e modos de vida pessoais, tem contribuído significativamente para os estudos em relação a gênero e sexualidades divergentes da normatividade vigente, especialmente nas teorizações queer². Em vista disso, este ensaio se propõe a traçar uma revisão das aparentes afinidades entre os pensamentos foucaultiano e queer, sem desprezar as tensões entre esses. Nessa perspectiva, investiga-se a respeito de como essa aproximação de ideias ocorre, e em quais pontos convergem. Então, por meio de uma abordagem comparativa, retomam-se aqui alguns escritos que trataram acerca de contribuições de Foucault para a teoria queer, e, de outra parte, ampara-se em escritos e depoimentos do intelectual, nos quais é possível observar correspondências com as propostas e atitudes que viriam a ser nomeadas como queer.

Deste modo, se mostra pertinente versar sobre parte das teorizações elaboradas por Foucault, bem como emprestar alguns de seus termos. O conceito

.....

2. A exemplo do uso do termo “queer” por Guacira Lopes Louro, opta-se em não destacá-lo em itálico, pois (apesar de ser de língua estrangeira), este foi absorvido no Brasil sem alterações na sua grafia ou significado, tanto no uso informal quanto erudito. Algo semelhante ao que acontece com o termo “gay”.

de “resistência” é uma palavra-chave para pensar as relações de poder no entendimento dele. Esta foi empregada no primeiro volume (publicado em 1976) de sua inacabada *História da Sexualidade*, no qual afirma: “onde há poder há resistência” (Michel FOUCAULT, 1988, p. 91). Outro conceito crucial para o filósofo é “sujeito”, com seu caráter ambivalente para se referir aos indivíduos: (1) “submisso ao outro pelo controle e pela dependência”; (2) “ligado à sua própria identidade pela consciência ou pelo conhecimento de si”. Nos dois casos, segundo Foucault (2014, p. 123), “essa palavra sugere uma forma de poder que subjuga e submete”. Além desses, destaca-se a noção de “contraconduta”, conforme proposto pelo filósofo no curso de 1977-1978, *Segurança, território, população* (FOUCAULT, 2008). Este termo está atrelado à conceituação de resistência de sujeitos frente aos mecanismos de controle comportamental socialmente estabelecidos, contudo, pressupõe uma postura ativa, diferente das concepções de revolta e dissidência. Tais noções são bastante apropriadas para se ponderar a respeito do pensamento queer por acionarem os jogos entre saber e poder presentes nos debates sobre comportamento e sexualidade.

Logo no momento inicial das teorizações queer, nos anos 1990, David Halperin associaria o movimento às ideias de Foucault quanto ao ato de tornar-se homossexual, no sentido de que lésbicas e gays deveriam se construir (ou afirmar) enquanto sujeitos, valorizando suas próprias subjetividades. Segundo a argumentação de Halperin (2010, p. 140), “*Indeed, in the stress he lays on becoming instead of being, Foucault would seem to have anticipated the recent displacement of gay politics by the antiessentialist, anti-assimilationist, anti-identitarian brand of contemporary sexual identity politics that goes by the name of queer*”³. Essas considerações de David Halperin (1995) são parte do seu estudo publicado no livro, *Saint Foucault: Towards a Gay Hagiography* (Santo Foucault: Rumo a uma Hagiografia Gay).

Essa produção se mostra relevante nas análises de Tamsin Spargo, pois ela demonstra concordar com Halperin ao pontuar que “a vida e a obra de Foucault, bem como suas conquistas e a demonização, fizeram dele um modelo poderoso para gays, lésbicas e intelectuais, e sua análise das inter-relações entre saber, poder e sexualidade foi o catalizador intelectual mais importante da teoria queer” (Tamsin SPARGO, 2017, p. 12). Essas colocações

.....

3. Tradução: De fato, com a ênfase depositada em tornar-se em vez de ser, Foucault parece ter antecipado o recente deslocamento da política gay para as pautas não essencialista, não assimilacionista e não identitária da política de identidade sexual contemporânea conhecida como queer.

estão alinhadas às concepções de Jonathan Kemp (2009, p. 11), que – também amparado em Halperin – vai além ao considerar que “sem Foucault, em particular, o queer poderia nunca ter acontecido, embora seja uma palavra que ele mesmo nunca usou”. Por seu turno, Guacira Lopes Louro (2018, p. 39) acrescentou que “a construção discursiva das sexualidades, exposta por Foucault, vai se mostrar primordial para a teoria queer”. Porém, essa autora expressou sua discordância quanto ao argumento de que o filósofo estaria “na origem do que veio a se chamar teoria ou estudos queer”, e advertiu: Foucault “nunca pretendeu fundar qualquer teoria nem inaugurar nada”. Apesar dessa ressalva, em alinhamento ao pensamento dos autores supracitados, para Louro, “o queer está enredado com o pensamento de Michel Foucault. As ideias do filósofo se constituem em uma das condições de possibilidade para a construção de um modo queer de ser e pensar” (2018, p. 84).

Somado a isso, se faz apropriado agregar abordagens de Judith Butler, a qual retomou criticamente partes dos debates de Foucault para construir seus escritos sobre sexualidade, identidade, gênero e performatividade. Em seu estudo publicado no livro *Problemas de Gênero* em 1990, ela argumenta que “a crítica foucaultiana da categoria de sexo provê uma visão das práticas reguladoras de algumas ficções médicas contemporâneas, concebidas para designar um sexo unívoco” (BUTLER, 2015, p. 12). Com isso, Butler situa a forma como ela se amparou nos estudos de Foucault, para, a partir desses, construir algumas de suas argumentações. Segundo Butler,

o sexo, já não mais visto como uma ‘verdade’ interior das predisposições e da identidade, é uma significação performativamente ordenada [...], uma significação que, liberta da interioridade e da superfície naturalizadas, pode ocasionar a proliferação parodística e o jogo subversivo dos significados do gênero. (BUTLER, 2015, p. 70)

Nessa colocação da autora percebem-se os debates de Foucault, bem como as questões essenciais do pensamento queer, no qual há grande ênfase nos discursos afirmativos e nas ações subversivas.

As diferentes construções de subjetividades emergentes não cabem nos parâmetros convencionais, e, portanto, é urgente ampliar os estudos a respeito das recentes alternativas de entender-se como indivíduos e de conduzir-se em sociedade. Ademais, nas profundas transformações em curso na atualidade, como sugerem as recentes considerações de Paul Beatriz Preciado (2020), o complexo pensamento foucaultiano se

apresenta como um ancoradouro fundamental para tratar sobre os mecanismos de controle dos corpos. Então, como exposto aqui, o interesse acadêmico acerca das sexualidades não normativas desponta desde a década de 1990, sobretudo aqueles abalizados na teoria queer, a qual se mostra em expansão.

Queer: a palavra de um movimento teorizado

Usar “queer” é uma maneira de lembrarmos como somos percebidas pelo resto do mundo.

É uma maneira de dizermos que não precisamos ser pessoas empolgadas e charmosas, que levam suas vidas discretamente e à margem do mundo hétero.

Usamos queer como homens gays que amam lésbicas e lésbicas que amam ser queer.

Queer, ao contrário de gay, não significa macho.

Manifesto Queer Nation - 1990 ⁴

O uso do termo “queer”⁵ surgiu como uma forma de ressignificação tanto da palavra quanto da maneira de se posicionar diante das ideias preconceituosas e nocivas contra os indivíduos homossexuais que não se encaixavam no “armário” da heterossexualidade ou no “armário” dos “gays” ou “lésbicas” submetidos ao “padrão hétero” de se comportar, isto é: a heteronormatividade. Essa incômoda imposição culturalmente enraizada em nossas sociedades, segundo descrição de Louro, supõe e reitera a existência de um alinhamento “normal” com a “a manutenção da continuidade e da coerência entre sexo-gênero-sexualidade” (2018, p. 98). Dito de outra maneira, trata-se de uma concepção restritiva de continuidade e consequência entre o sexo biológico, a identidade de gênero e a orientação sexual de uma pessoa, atreladas a regimes de poder sexistas, num sistema de heterossexualidade compulsória – aspectos que, no pensar de Butler (2015) são parte das diversas “normas” reguladoras da sociedade.

.....

4. Panfleto “anonimamente publicado por queers” que “originalmente circulou entre as pessoas que protestavam num ação da *ACT UP*, durante a Parada Gay de Nova York de 1990”. (MANIFESTO QUEER NATION, 2016).
5. O termo “queer” em inglês pode ser traduzido como “estranho” ou “esquisito”. Uma “gíria usada principalmente nos discursos homofóbicos [algo similar a “transviado” e “sapatão”] mas também por alguns homossexuais que queriam usar o termo em vez de ‘gay’ ou ‘lésbica’” (SPARGO, 2017, p. 13; 31).

Em oposição direta às tais *normas*, o pensamento subversivo implicado no uso da palavra queer seria assimilado politicamente pelo *Queer Nation*⁶, um “grupo formado em Nova York em 1990 [que] indicou, no nome e na retórica, a reapropriação de um termo que, até então, estava predominantemente vinculado à homofobia e ao preconceito” (SPARGO, 2017, p. 30). A argumentação ativista por meio da reversão do termo estava evidenciada no manifesto do grupo e parece consonante com o pensamento foucaultiano de que a articulação entre poder e saber vem justamente por meio do discurso (FOUCAULT, 1988, p. 95). Em alinhamento com esta ideia, Butler (*In: PRINS; MEIJER, 2002, p. 163*) declara que os discursos habitam os corpos, os quais efetivamente “carregam discursos como parte de seu próprio sangue”.

Contudo, a associação de homossexuais no *Queer Nation*, assim como no *ACT UP (Aids Coalition to Unleash Power)*⁷, surgiu com a necessidade de luta por sobrevivência no contexto de agravamento da epidemia da aids, a qual – vinculada ao crescente número de mortes, e também por causa deste – desencadeou um pânico em relação às práticas sexuais gays. A situação era ainda pior nos Estados Unidos, onde o governo relutava em reconhecer a emergência epidêmica, e não se mobilizava no combate à propagação devastadora do HIV. De acordo com Spargo, a doença provocava retrocessos nas conquistas dos movimentos gay e lésbico, dado que,

com o surgimento da aids, essa coletividade já cindida se viu diante de um novo conjunto de pressões. Os discursos populares que deturpavam a aids como doença típica dos gays contribuiriam para uma renovação da homofobia e tornaram necessária uma revisão das estratégias assimilacionistas⁸. A aceitação muito rapidamente se revelou como tolerância, que não demorou a se tornar intolerância. (SPARGO, 2017, p. 29)

Colocadas nesses termos, a autora evidencia o quanto eram frágeis, se não falsas, essas conquistas, e o quanto as manifestações anti-aids

.....

6. Tradução: Nação Esquisita. Mais informações disponíveis em <https://queernationny.org/>. Acesso em 31/03/2020.

7. Em inglês a sigla soa como uma convocação para agir, desobedecer. Tradução: Coalizão da Aids para Libertar o Poder (GRAN FURY, 2021). Mais informações disponíveis em <https://actupny.org/>. Acesso em 31/03/2020.

8. A política assimilacionista pretende integrar todos na sociedade, porém sem mexer em sua matriz. Isto é: essa proposta procura “assimilar os grupos marginalizados e discriminados aos valores, mentalidades, conhecimentos socialmente valorizados pela cultura hegemônica” (Vera Maria CANDAU, 2008, p. 50).

demandaram outros mecanismos de ação dos grupos ativistas que surgiam a partir de então, fazendo-se necessária outra maneira de se conduzir. Ou seja, a chamada “doença gay” funcionou como um “catalizador biopolítico”, segundo Spargo, visto que gerou estratégias ativistas de resistência mais astutas e radicais “para atacar o poder”, e pareciam materializadas nos referidos grupos (SPARGO, 2017, p. 23-24).

Não obstante, pode-se observar que a urgência provocada pela crise da aids teve papel detonador de um sentimento incômodo anterior, traduzido no ímpeto afoito de alguns militantes mais entusiasmados. Em concordância com Louro,

é possível dizer que tudo começou com alguns ativistas e intelectuais ligados às chamadas sexualidades “diferentes” que se mostravam descontentes com o disciplinamento e a normatização que pareciam vir de todos os lados. Eles e elas se anunciavam queer e resolviam proclamar sua indisciplina, sua disposição antinormatizadora. Diziam (ou pareciam dizer): “Pouco nos importa se nos qualifiquem como estranhos, se nos chamam de ‘viados’ ‘bichas’, ‘sapatões’. É isto mesmo que queremos ser; é assim mesmo que queremos nos mostrar. Não se preocupem em nos integrar. Abaixo sua tolerância paternalista e benevolente! Nós a dispensamos. Não precisamos de sua indulgência” (LOURO, 2018, p. 95-96).

Com o descaramento dessa postura afirmativa nos discursos e atitudes, os sujeitos (assujeitados e subjetivadores) socialmente desprezados, por não se adequarem aos padrões hegemônicos de aparência ou comportamento, assumiam papel ativo na relação com seus discriminadores, revertiam a situação ao desavergonharem-se dos rótulos que lhes eram impostos. Diferentemente dos gays e lésbicas – que, ou não “davam pinta”, ou não agiam como “caminhoneiras”, para, assim, serem socialmente aceitos – os que se assumiam queers abriam para outro tipo de atuação: se impunham nas sociedades como as pessoas “esquisitas”. Isso parece ser ressonante às ideias que Foucault defendia em 1982:

Sem dúvida, o objetivo principal, hoje, não é descobrir, mas recusar o que somos. Devemos imaginar e construir o que poderíamos ser para nos livrarmos dessa espécie de “dupla obrigação” política que são a individualização e totalização simultâneas das estruturas do poder moderno. Precisamos promover novas formas de subjetividade, recusando o tipo de individualidade que se nos impôs durante vários séculos. [...] O que define uma relação de poder é um modo de

ação que não age direta e imediatamente sobre os outros, mas que age sobre sua própria ação. Uma ação sobre a ação, sobre ações eventuais, ou atuais, futuras ou presentes (FOUCAULT, 2014, p. 118; 132).

Neste trecho podem-se destacar alguns pontos análogos às propostas do movimento queer, o qual recusa o tipo binário de individualidade historicamente imposta com a promoção de novas formas de subjetividade, por meio da subversão das ações depreciativas do poder normativo. Sobretudo com ações discursivas pela apropriação do xingamento, causando uma reversão de significado pelo estranhamento do mesmo – a queerização. Na visão de Louro (2018, p. 98), esse seria um estranhamento produtivo, provocado por tudo aquilo que o pensamento queer abarca, pois, “mais do que uma identidade, queer sinaliza uma disposição ou um modo de ser e de viver”. Quanto ao campo teórico, Louro pondera que “o pensamento segue direção semelhante ao movimento social”. Esse aspecto estaria vinculado ao próprio caráter contestatório desse movimento, avesso às ideias conclusivas e, conseqüentemente, enclausurantes. Ao tratar a esse respeito, Spargo esclarece:

A teoria queer não é um arcabouço conceitual ou metodológico único ou sistemático, e sim um acervo de engajamentos intelectuais com as relações entre sexo, gênero e desejo sexual. Se a teoria queer é uma escola de pensamento, ela tem uma visão profundamente não ortodoxa de disciplina. O termo descreve uma gama diversificada de práticas e prioridades críticas: interpretações da representação do desejo entre pessoas do mesmo sexo em textos literários, filmes, músicas e imagens; análises das relações de poder sociais e políticas da sexualidade; críticas do sistema sexo-gênero; estudos sobre identificação transexual e transgênero, sobre sadomasoquismo e sobre desejos transgressivos. (SPARGO, 2017, p. 13)

À vista disto, considera-se coerente que as abordagens sobre o pensamento queer aliem-se à ousadia, ao alternativo, às propostas experimentais, que possam testar limites, que arrisquem e favoreçam a autoexposição. Nesse sentido, a teorização desse movimento demonstra buscar certa queerização também na escrita e na forma, notada inclusive na carga de humor e ironia comumente presente nas produções textuais queer. Vale observar que muitas das pessoas que se propõem a esta tarefa deixam a entender que também são queer, em alguma medida. Isto é, aparentemente a construção da teoria queer, assim como o movimento, demanda uma espécie de engajamento por parte do autor ou autora, aspecto em que Foucault mostrou-se inserido, pois

ele se declarou avesso às limitações das categorizações identitárias, se aproximou de grupos homossexuais e esclareceu sobre sua própria sexualidade em entrevistas. Além disso, o filósofo expressava uma dose de ironia que pode ser associada à cultura gay (e queer).

Esse tipo de humor sarcástico, no limite do deboche, parece estar no cerne dos propósitos queer, como observado no próprio jogo estabelecido na apropriação reversiva da gíria pejorativa associada ao termo “queer”. Tal aspecto foi ponderado por Butler, para quem,

os termos *queens*, *butches*, *femme*, *girls*, e até a reapropriação parodística de *dyke*, *queer* e *fag*⁹, redesdobram e desestabilizam as categorias sexuais e as categorias originalmente derogatórias da identidade homossexual. Todos eles podem ser entendidos como sintomáticos da “mentalidade hetero”, como formas de identificação com a versão do opressor para a identidade do oprimido. (BUTLER, 2015, p. 212)

Essa não sujeição aos padrões heteronormativos representada por meio de nomenclaturas controversas se mostra corporificada na figura bem-humorada da *drag queen*. Essa personagem (usualmente composta por um sujeito/ artista gay transformado/ travestido com recursos artificiais que recriam estéticas atribuídas ao feminino) não pretende necessariamente se passar por mulher. Seu ato “pode ser compreendido como uma paródia de gênero: ela imita e exagera, se aproxima, legitima e, ao mesmo tempo, subverte o sujeito que copia”, como bem observado por Louro (2018, p. 78-79), seria justamente por conta disso que “ela leva a perceber sua não-naturalidade. Sua figura estranha e insólita ajuda a lembrar que as formas como nos apresentamos enquanto sujeitos de gênero e sexualidade são, sempre, formas inventadas e sancionadas pelas circunstâncias culturais em que vivemos”. Essa interpretação da *drag* parece diretamente relacionada com a análise de Butler (2015, p. 212): “as categorias parodísticas servem ao propósito de desnaturalizar o sexo. [...] Tratar-se-ia de uma ‘apropriação’ colonizadora do feminino? Creio que não. Tal acusação supõe que o feminino pertença às mulheres, uma suposição certamente suspeita”.

A percepção dessas autoras se mostra em concordância com uma das irônicas “palavras de ordem” da *drag queen* estadunidense RuPaul (2015), “*We’re all*

.....

9. As gírias citadas tem equivalências apenas aproximadas no Brasil: *queens* (*bicha*), *butches* (lésbica masculinizada - *caminhoneira*), *femme* (lésbica feminina - *lady*), *girls* (*bicha* - *garota*), *dyke* (*sapatão*), *fag* (*bicha* - *viado*).

*born naked / And the rest is drag*¹⁰. Esse tipo de “humor gay” se entrelaça com o *camp* – em termos estéticos/estilísticos, visuais ou em forma de textos/narrativas (Susan SONTAG, 1987). Pela perspectiva do pensamento queer, conforme Spargo, o *camp* é destituído da negatividade atribuída ao estilo performativo “afetado” de homossexuais “exuberantes” ou “enrustidos”.

Embora a interpretação equivocada de performatividade – ou seja, a de que podemos escolher de que gênero somos – esteja completamente em desacordo com as compreensões foucaultianas e queer de subjetividade, a ideia de que alguns estilos hiperbólicos de performance de gênero podem ser subversivos tem sido acertadamente relacionada ao *camp*. [...] A performance *camp* transforma esse sujeito em ser, ao mesmo tempo que funciona como crítica cultural. Isso parece ter relação direta com o modelo de performatividade de gênero de Butler e com seu potencial subversivo por meio da distorção ou da queerização. (SPARGO 2017, p. 45)

As observações de Spargo elucidam o quanto – apesar de poder ser vista como uma “brincadeira” que transpassa os clichês de masculino e feminino – a política queer pode mostrar sua vertente mais aguda na *drag* ou no estilo *camp*, pois essas seriam as expressões mais escancaradamente opostas às propostas identitárias ou assimilacionistas. Conforme colocado pela autora, “em termos foucaultianos, podemos interpretar isso como a corporificação da resistência”. Ademais, Spargo (2017, p. 47-48) complementa: “Esse tipo de resistência não está limitado aos aspectos mais dramáticos da performance. A teoria e a cultura queer podem enfatizar as associações entre teatralidade e política em vez de enxergá-las como mutuamente excludentes”. Um exemplo disso, são as *The Sisters of Perpetual Indulgence* uma “congregação” de gays em *drag*-freiras formado em 1979 para “pregar” em defesa das causas das irmãs e irmãos da sua comunidade. As “*Sisters*” ganharam as ruas¹¹, e marcam presença nas Paradas LGBTI+¹² nos Estados Unidos e na Europa, e, assim como os grupos *ACT UP* e *Queer Nation*, se engajaram na luta contra a aids.

.....

10. Tradução: Todos nascemos pelados / E o resto é *drag*.

11. Mais informações disponíveis em <https://www.thesisters.org/>. Acesso em 31/03/2020.

12. A sigla LGBTI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Intersexuais e mais) é adotada conforme indicado pela Aliança Nacional LGBTI. O símbolo “+” é uma forma de deixar a sigla aberta para contemplar “outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero”. Dentre estas está o Queer (ou “questionamento de gêneros”), o qual é representado pelo “Q” em algumas versões da sigla. (Toni REIS, 2018, p. 7; 63).

A forma irônica de ativismo, misturada a menções ao cristianismo e à militância pela conscientização sobre a crise da aids, pode ser definida emprestando as palavras de Louro (2018, p. 87): “a ironia e o humor carregam potencial subversivo e, muitas vezes, podem se mostrar como uma forma privilegiada de dizer o que, de outro modo, não pode ser dito”. Esse caráter crítico se mostra graficamente no cartaz do *Silence = Death Project* (assimilado pelo ACT UP), bem como no mencionado livro de David Halperin, *Saint Foucault*.

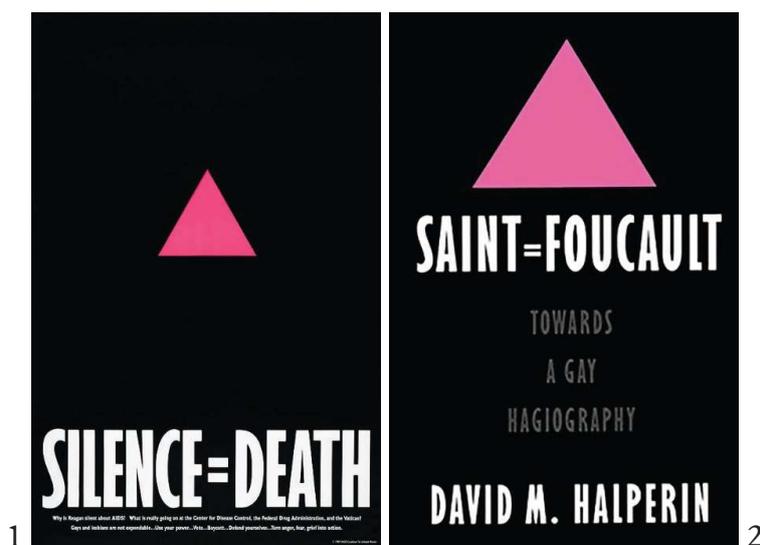


Figura 1 e 2: Comparativo entre o cartaz da campanha de combate à aids do *SILENCE=DEATH Project* (1987) e a capa do livro *Saint Foucault* de David Halperin (1995). Fontes: (1) Brooklyn Museum; (2) Halperin, 1995.

#PraTodoMundoVer A imagem do cartaz é composta por um triângulo rosa centralizado sobre fundo retangular preto, com texto branco na parte inferior. De forma semelhante, a capa do livro tem um triângulo rosa na metade superior e texto branco centralizado sobre fundo retangular preto.

O cartaz com caráter panfletário (Figura 1) tem composição impactante com elementos mínimos: um triângulo rosa centralizado e as palavras em letras garrafais “SILENCE = DEATH” (SILÊNCIO = MORTE) sobre fundo preto. Contudo, a potência sintética da imagem – que põe em evidência direta a “mensagem” com intenções mobilizadoras – ganha forte carga dramática pelas referências às quais remete. O triângulo rosa remete ao símbolo que foi usado pelo regime nazista para marcar os homossexuais masculinos levados à morte em campos de concentração nos anos 1930 e 1940 (uma apropriação reversiva semelhante à realizada com

os termos pejorativos pela comunidade de gays e lésbicas). E as palavras de ordem colocavam em xeque o silêncio de Ronald Reagan (então presidente dos Estados Unidos) a respeito da aids, numa época em que a doença era sinônimo de morte, e atingia principalmente a população gay. O texto em letras miúdas¹³ coloca isso de forma explícita e inclui no questionamento a postura do Vaticano sobre a enfermidade (visto que o Papa João Paulo II havia se pronunciado contra o uso de preservativos), além de convocar a comunidade a exercer seu poder: “*Turn anger, fear, pain into action*”. Nas palavras dos ativistas do ACT UP e Gran Fury (2021, p. 295), Tom Kalin, Michael Nesline e John Lindeli: “De muitas formas, o cartaz se tornou um marco para pessoas que sentiam muita raiva ou um sentimento de desespero pela crise da Aids”.

De outra parte, em explícita referência ao mencionado cartaz, a capa do livro *Saint Foucault* (Figura 2), é uma espécie de apropriação da apropriação. Dado que a composição utiliza os mesmos elementos centralizados (rearranjados e com diferentes dimensões) da peça de campanha ativista *Silence = Death Project*: um triângulo rosa e palavras brancas em caixa alta contrastantes sobre fundo preto. Essa escolha de aproximação provavelmente traduziria a percepção do autor do livro, Halperin (1995, p. 122), que via o grupo ACT UP como a “materialização política mais original, inteligente e criativa da reconceituação estratégica de Foucault das ideias de sexo, saber e poder”. Outrossim, a capa situa de forma clara e imediata o propósito da publicação ao sugerir uma estreita relação do filósofo francês com o movimento homossexual e a crise da aids. O título, por seu turno, segue a mesma diagramação do cartaz, incluindo o acréscimo do símbolo “=” entre “Saint” e o nome do filósofo, e sarcasticamente alude a uma espécie de beatificação do Foucault como gay e santo em vias de ter sua trajetória narrada em uma hagiografia. Essa provocação um tanto debochada indica o “tom” do discurso do livro, numa forma queer de agir e verbalizar.

.....

13. “*Why is Reagan silent about AIDS? What is really going on the Center for Disease Control, the Federal Drug Administration, and the Vatican? Gays and lesbians are not expendable... Use your power...Vote...Boycott... Defend yourselves...Turn anger, fear, pain into action*” (BROOKLYN MUSEUM). Tradução: Por que Reagan está silencioso sobre a AIDS? O que realmente está acontecendo no Centro de Controle de Doenças, na Administração Federal de Medicamentos e no Vaticano? Gays e lésbicas não são dispensáveis ... Use seu poder ... Vote ... Boicote ... Defenda-se ... Transforme raiva, medo, dor em ação.

Para além disso, desde aquele momento inicial nas décadas de 1980-90 até o tempo presente houve relevantes desdobramentos do pensamento queer(izante). Contudo, à medida em que esse movimento se torna mais conhecido e estudado, é preciso reavivar as estratégias de ressignificação para evitar que este se converta em mais um termo usado para “categorizar” pessoas. Ou, ainda, mais um “armário” no qual nos refugiamos enquanto “os estranhos”, e, justamente por isso, pode acabar se tornando outro gueto/prisão. É preciso atentar para a advertência de Spargo (2017, p. 46): “As críticas queer à normatividade não podem negligenciar a capacidade de os discursos e saberes dominantes se apropriarem da subversão e de contê-la”. Ou, é preciso retomar novamente o pensamento foucaultiano, e as propostas de resistência inclusas nele.

Foucault: sexualidade, conduta e contraconduta

Não me preocupo de maneira nenhuma com o status universitário do que faço, porque meu problema é minha própria transformação. [...] Essa transformação de si pelo seu próprio saber é, penso, algo bastante próximo da experiência estética. Por que um pintor trabalha, se ele não é transformado por sua pintura?

Michel Foucault, 1983 (Ditos e Escritos IX, 2014).

Nascido na cidade de Poitiers (interior da França), em 1926, Michel Foucault atuou como intelectual em Paris, após a Segunda Grande Guerra, em meio à chamada “Revolução Sexual”, na qual “boa parte das sociedades ocidentais vivenciou uma inflexão histórica na compreensão da sexualidade, do desejo e das possibilidades relacionais”, como lembrado por Richard Miskolci (*In*: SPARGO, 2017, p. 86). Nessa época (1960-80) “movimentos feministas se organizaram em torno da demanda do direito à contracepção. [...] Homossexuais, por sua vez, lutaram pela despatologização da homossexualidade e sua descriminalização” (MISKOLCI, *Ibidem*). Tal comportamento estava alinhado à contracultura e às tendências *unissex* representadas por artistas que despontavam com visual andrógino, sintetizado nas figuras de David Bowie, na Inglaterra, e de Ney Matogrosso, no Brasil. Esses personagens emblemáticos, assim como outros, abriram caminho e serviram de inspiração para novas manifestações, como as performáticas *drag queens*, que se popularizaram

nas décadas 1980-90 e, como visto, curto-circuitaram as representações binárias de masculino e feminino.

De sua parte, Foucault percebia e participava dessas transformações, as quais afetariam sua vida e, de alguma forma, se converteriam em seus objetos de estudo. Em uma observação retrospectiva sobre si mesmo, ele disse que sua produção intelectual o teria levado a analisar as relações entre os indivíduos, seus “jogos de verdade” e os problemas do “saber-poder”¹⁴. Com efeito, sua inquietação o conduziu a uma trajetória de pesquisas teóricas em diálogo com o seu momento histórico e ao desafio de transitar por áreas diversas de conhecimento, sobretudo ligadas à filosofia e à história. No entanto, Michel Foucault manifestava desconforto com a posição de historiador ou filósofo, assim como com outras categorizações. Seu último projeto, sobre como as condutas sexuais seriam problematizadas no passado, foi interrompido por sua morte em 1984, após complicações em decorrência da aids.

Influenciado por Friedrich Nietzsche, conforme declarara, Michel Foucault elaborou sua maneira *genealógica* de “escavar” o passado a partir das questões observadas no seu presente (2017, p. 253). Dessa forma, em seu primeiro volume da *História da Sexualidade*, ele observou como as relações entre saberes e poderes passaram pelo século XIX e chegaram até o início do XX. Foucault, então, debateu acerca da *hipótese repressiva*, segundo a qual bastaria destituir o poder dominante para restituir a liberdade dos sujeitos – teoria que o filósofo evidenciou não ser suficiente para se entender o caráter político no esforço em controlar os corpos e as sexualidades das pessoas. De acordo com Foucault (1988, p. 147), os controles das condutas acontecem de maneira capilar no tecido social e são mecanismos que ele relacionou com o dispositivo da sexualidade, contra o qual, “o ponto de apoio não deve ser o sexo-desejo, mas os corpos e os prazeres”. Ainda nesse livro, Foucault propõe a noção de *biopoder* e *biopolítica*, a partir da observação dos processos históricos do controle e regulação dos corpos.

Uma sociedade normalizadora é o efeito histórico de uma tecnologia de poder centrada na vida. [...] Foi a vida, muito mais do que o direito, que se tornou o objeto das lutas políticas, ainda que estas últimas se formulem através de

.....

14. Para Foucault, “jogo” corresponderia a “um conjunto de regras de produção da verdade” inerentes às tramas entre o saber e o poder, por meio de “procedimentos que conduzem a um certo resultado” (FOUCAULT, 2017, p. 268; 276).

afirmações de direito. O “direito” à vida, ao corpo, à saúde, à felicidade, à satisfação das necessidades, o “direito”, acima de todas as opressões ou “alienações”, de encontrar o que se é e tudo o que se pode ser. (FOUCAULT, 1988, p. 135)

Essas conceituações seriam determinantes para novos estudos referentes a sexualidade e gênero, como os produzidos por Butler, assim como os realizados por Louro (2018, p. 85), segundo a qual, Foucault elaborou novas questões e “revirou verdades” sobre da sexualidade, “duvidou do suposto silêncio e repressão que a teriam cercado e afirmou que, em vez disso, essa era uma questão sobre a qual muito se falava e há muito tempo. Assumindo sua ótica, passamos a afirmar que a sexualidade era e é construída discursivamente”.

Mais tarde, Foucault (1984) redirecionou sua ambiciosa pesquisa, acerca da problematização das práticas sexuais, e retornou à Antiguidade, para buscar entender de que maneira os costumes do período clássico grego e greco-romano teriam continuidades, reelaborações e modificações no início do cristianismo. Em concordância com Miskolci,

a interpretação foucaultiana abarca um período em que o domínio dos saberes naturalizantes e normalizadores sobre o sexo era maior e menos contestado do que passou a ser na década de 1970. De forma sintética, a contribuição de Foucault em sua obra devotada à análise histórico-social da sexualidade exige ponderar seu poder analítico para compreender o terço final do século XX, marcado por transformações políticas e culturais. (SPARGO, 2017, p. 92)

Além dessas ponderações, ao entender a homossexualidade como uma construção do século XIX, o filósofo desencadeou reflexões sobre a própria categorização dos indivíduos como tal, e alertou a respeito do quanto isso restringe sem dar conta da complexidade das individualidades. Tais colocações evidenciaram o problema das políticas identitárias dos anos 1970-80, e as tentativas de afirmação dos movimentos homossexuais pela via assimilacionista. Como lembrado por Spargo (2017, p. 27), os exemplos de experiências homossexuais “divulgados em campanhas políticas” nos anos 1980 “foram criticados por privilegiar os valores da classe média branca, [e] as tensões entre gêneros e entre os imperativos de gênero e sexualidade também provocaram discussões acaloradas e revelaram a fragilidade do modelo comunitário da política gay e lésbica”. Diferente disso, os estudos de Michel Foucault traziam ponderações sobre a multiplicidade de formas de sexo e prazer. Entre os outros autores que traziam debates nesse sentido

– e também contribuiriam para o pensamento queer – destaca-se Gilles Deleuze, com quem Foucault teve uma relação de amizade conturbada; e também Jacques Derrida, conforme observado por Louro:

a operação de desconstrução, proposta por Jacques Derrida, parecerá, para muitos teóricos e teóricas, o procedimento metodológico mais produtivo. [...] Os estudos queer assumem o caráter discursivo da sexualidade e, seguindo Foucault (mas também Derrida), questionam binarismos de toda ordem. Assumem a dispersão e a multiplicidade; aclamam a “proliferação de prazeres” e a “multiplicação de sexualidades disparatadas”; acolhem sujeitos e práticas que negam ou contrariam as normas regulatórias das sociedades. Provavelmente são muitos os elementos dos escritos foucaultianos que se poderiam perceber enredados no movimento queer. Particularmente, me chama a atenção suas formulações e comentários sobre a resistência. (LOURO, 2018, p. 39; 86)

A noção de “resistência” foi amplamente debatida por Foucault na *História da Sexualidade 1*, e é, de fato, bastante apropriada para se amparar em análises a respeito de ações/atitudes rebeldes como as do movimento queer. Visto que, para o filósofo, os focos de resistência podem surgir de maneira difusa, “disseminam-se com mais ou menos densidade no tempo e no espaço, às vezes provocando o levante de grupos ou indivíduos de maneira definitiva, inflamando certos pontos do corpo, certos momentos da vida, certos tipos de comportamento” (FOUCAULT, 1988, p. 92). De forma complementar, Foucault retomou essa conceituação em outros momentos, dos quais o seu depoimento de 1982, originalmente destinado à revista canadense *Body Politic*, talvez seja o momento que Foucault trata disso de forma mais enfática:

Veja, se não houvesse resistência, não haveria relações de poder. Porque tudo seria simplesmente uma questão de obediência. No instante em que o indivíduo está em situação de não fazer o que quer, ele deve utilizar as relações de poder. A resistência vem, então, em primeiro lugar, e ela fica superior a todas as forças do processo; ela obriga, sob seu efeito, as relações de poder a mudar. Eu considero, então, que o termo “resistência” é a palavra mais importante, a palavra-chave dessa dinâmica. (FOUCAULT, 2014, p. 257)

Antes disso, ele trataria a respeito de resistência no seu curso *Segurança, território, população* (no Collège de France em 1977-1978), no qual pensou historicamente sobre ações e comportamentos de contrários ao “poder pastoral”, instituído sob a lógica cristã que coloca as pessoas como ovelhas

a serem conduzidas e resgatadas quando desgarradas (FOUCAULT, 2008). A partir da observação de atitudes contrárias ao tal regime de controle de uns sobre os outros, que se alteram ao longo do tempo, Foucault chegou a um termo que se mostra adequado para elaborar abordagens em relação ao movimento queer: a *contraconduta*.

palavra que só tem a vantagem de possibilitar referirmos ao sentido ativo da palavra “conduta”. *Contraconduta* no sentido de luta contra os procedimentos postos em prática para conduzir os outros, o que faz que eu prefira essa palavra a “inconduta”, que só se refere ao sentido passivo da palavra, do comportamento: não se conduzir como se deve. (FOUCAULT, 2008, p. 266)

Essa forma ativa para o termo, traçada por Foucault, o situa em posição bastante alinhada às resistências dos gays e lésbicas em relação à normatividade estabelecida, sobretudo os que foram infectados pelo fatídico HIV. Esses sujeitos se viam em situações fragilizantes por causa do risco de morte eminente, somado ao sentimento de culpa pelo fato da doença ser transmitida sexualmente. A crise da aids reativaria os julgamentos moralistas e homofóbicos sob o peso incutido na ideia do pecado, legado nocivo do cristianismo culturalmente reproduzido em nossas sociedades. Isso os sujeitava à posição passiva de seguir recomendações, de serem cuidados: precisavam se deixar conduzir pelas instituições e pelos familiares.

À vista disso, declarar-se com HIV nesse período costumava ganhar dimensões catastróficas e pode ser considerado como um ato extremo de *contraconduta*. Ainda assim, alguns optavam por (ou eram levados a) expor a soropositividade, e também a aparência desfigurada. Segundo descrito por Marcelo Bessa (2002, p. 160), esses casos ficaram conhecidos como “confissões públicas da aids”, e ganhavam repercussão por serem pessoas popularmente conhecidas expostas em situações sensacionalistas. Sobretudo porque, ao manifestarem sua sorologia, “revelavam” também suas sexualidades, e, apesar dos problemas atrelados a essas “confissões” (que por vezes ganhavam tom de fofoca), a autoexposição serviria como forma de chamar atenção para a gravidade da epidemia. Nesse sentido, foi relevante o engajamento de vários artistas como Cazusa e Keith Haring, por exemplo.

No entanto, o uso dessa terminologia deixa implícita a carga negativa da palavra “confissão”, associada às práticas cristãs, um costume que, segundo Foucault, teria sido transferido para vários âmbitos de poder – do confessionário para a residência, a escola, o tribunal, a clínica e o gabinete de psicanálise.

Confessar-se pressupõe assumir um erro, “ter pecado” (se comportar de maneira “incorreta”, ser “anormal”), portanto, condenável. De acordo com Bessa (2002, p. 158), a comoção para saber quem tinha se contaminado era tamanha que “se Foucault estivesse vivo durante a segunda metade da década de 80 e a primeira de 90, certamente ficaria horrorizado, tal foi a nova inquisição iniciada pela aids”. Pois, esse tipo de “confissão” parece derivado dos regimes de poder, bem como as propostas identitárias criticadas pelo filósofo, que buscou esclarecer acerca do uso do termo: “por confissão entendo todos estes procedimentos pelos quais se incita o sujeito a produzir sobre sua sexualidade um discurso de verdade que é capaz de ter efeitos sobre o próprio sujeito” (FOUCAULT, 2018, p. 390). Isto é, na perspectiva foucaultiana, essa vontade de saber estaria vinculada à vontade de controlar, considerando que o discurso dominante, assim como o da própria pessoa “em confissão”, constrói sua identidade. Esse tipo de crítica apareceria de forma similar nas políticas queer. Logo, manifestar-se publicamente quanto à sexualidade não normativa – ato popularmente conhecido como “sair do armário”, ou fazer seu *outing* – só tem sentido se for realizado como um ato político de resistência, seja individual ou coletivamente.

Como observado por Halperin (1995), Michel Foucault pouco falou a respeito da homossexualidade em seus escritos, talvez por questões pessoais, ou também por questionar o sentido em que a palavra era empregada. Pois, na visão do filósofo, seria “uma categoria inadequada, [...] por um lado, não se pode classificar os comportamentos e, por outro, o termo não dá conta do tipo de experiência que se trata” (FOUCAULT, 2014, p. 162). Foucault discorreria mais sobre isso em entrevistas, nas quais se colocava em outros termos, contudo, sem deixar de falar em “filosofês”, conforme esclarecera numa fala (temperada com sua característica ironia), para explicar que só responderia a partir daquilo que havia estudado (FOUCAULT, 2017, p. 251). Essas declarações informam quanto à sua postura, e aparente busca por uma coerência entre os discursos e ações – a sua *estetização da existência* ou *prática de si*¹⁵, um tipo de conduta moral aproximado aos costumes que ele remontara da Antiguidade, na qual não há a necessidade de um intermediário – como seria colocado no pastorado cristão (FOUCAULT, 1984).

.....

15. “Tratava-se de saber como governar sua própria vida para lhe dar a forma mais bela possível (aos olhos dos outros, de si mesmo e das gerações futuras, para as quais se poderá servir de exemplo). Eis o que tentei reconstituir: a formação e o desenvolvimento de uma prática de si que tem como objetivo constituir a si mesmo como o artesão da beleza de sua própria vida”. (FOUCAULT, 2017, p. 238).

Nota-se, ainda nessas entrevistas, um pouco da relação de Foucault com os movimentos e práticas gays em Paris e em São Francisco (nos Estados Unidos), onde suas experiências em saunas com sadomasoquismo renderam ponderações sobre as diferentes maneiras de se relacionar e se conduzir coletivamente, o que foi aventado por ele como possíveis novos modos de vida (FOUCAULT, 2014). Ciente de ser uma figura pública, ele demonstrou se preocupar com o conteúdo dessas falas, que provavelmente repercutiriam em alguma medida. Observa-se que seria pelo caráter autoexpositivo desse material transcrito que Halperin e Spargo se apoiariam nesses depoimentos para colocar a própria conduta pessoal do filósofo também como um influenciador do pensamento queer. A partir disso, pode-se dizer que, assim como os artistas que Foucault abordou e demonstrou admirar¹⁶, ele próprio extrapolou os limites entre sua vida e obra, e permitiu que uma se embaralhasse à outra. Ademais, sua forma de conduta pessoal influenciaria a maneira como ele percebia as questões da comunidade gay, e as relações entre esses indivíduos com a mesma orientação sexual que ele. Observa-se isso na sua resposta de 1982 acerca da liberação sexual:

o movimento homossexual precisa mais, hoje, de uma arte de viver do que de uma ciência ou um conhecimento científico (ou pseudocientífico) do que é a sexualidade. A sexualidade faz parte de nossas condutas. Ela faz parte da liberdade de que gozamos neste mundo. A sexualidade é algo que nós criamos nós mesmos – ela é nossa própria criação, muito mais do que a descoberta de um aspecto secreto de nosso desejo. Devemos compreender que, com nossos desejos, através deles, se instauram novas formas de relações, novas formas de amor e novas formas de criação. O sexo não é uma fatalidade; ele é uma possibilidade de chegar a uma vida criativa (FOUCAULT, 2014, p. 251).

Com essa ponderação, Foucault diz que liberdade não se resume a “descobrir-se” ou “revelar-se” sexualmente. Mais do que falar sobre o que se é, ele sugere criar uma outra forma de atuar e se conduzir – viver como um exercício de liberdade. Em um depoimento anterior (de 1978), Michel Foucault (2015, p. 2) esclareceu em relação a sua primeira parte da *História da Sexualidade* naquela que seria a edição inaugural da revista gay francesa *Gai Pied*, a qual, apesar do apoio do filósofo, não circulou por haver

.....

16. Lembra-se aqui o fato de Michel Foucault incluir em sua produção escrita, abordagens sobre: Van Gogh (*História da loucura*, 1961); Velásquez; (*As palavras e as coisas*, 1966); Magritte (*Isso não é um cachimbo*, 1973).

proibições do governo local a periódicos homossexuais. Nessa entrevista ele também manifestou sua discordância com as categorizações pela via identitária, incluindo a noção de homossexual, pois para ele esse termo teria sido usado pelo saber médico e jurídico como uma forma de aprisionar os indivíduos: “Foi o que ocorreu com Gide, com Oscar Wilde, com Magnus Hirschfeld” (FOUCAULT, 2015, p. 4).

Por fim, é possível observar que nas suas respostas voltadas à comunidade, além de tentar elucidar sobre suas ideias no livro, Foucault demonstrava certa intenção mobilizadora, e parecia deixar sugerida aos leitores a necessidade de empregar novas estratégias para o movimento homossexual naquele final da década de 1970 na França.

Agora, mais do que a homossexualidade, penso que atualmente a própria noção de sexualidade deve ser verdadeiramente reavaliada, ou melhor, deve-se fazer dela uma nova avaliação. Caso contrário, é uma simples luta setorial que se consome a si própria, com suas próprias palavras. [...] Creio, por exemplo, que é muito difícil lutar nos termos da sexualidade sem que, em dado momento, se seja apanhado na armadilha por noções tais como doença da sexualidade, patologia da sexualidade, normalidade da sexualidade. Daí a necessidade de colocar o problema de outra forma. [...] De todo modo, não havia qualquer crítica aos movimentos precedentes, mas, sobretudo, a constatação de uma situação histórica, a constatação de que um combate não pode se perpetuar sempre nos mesmos termos, caso contrário ele se esteriliza, se imobiliza, sucumbe a armadilhas. Logo, uma mudança de frente de batalha. E, conseqüentemente, uma mudança de vocabulário. A mudança de objetivos é também absolutamente indispensável. (FOUCAULT, 2015, p. 4-6)

Ora, também nessa passagem as ideias de Foucault se aproximam sobremaneira das estratégias posteriormente adotadas pelo movimento queer. Nesse trecho, o filósofo justificava o encadeamento do seu debate a respeito da sexualidade, bem como em relação a sua mudança de enfoque para outros termos (como tratar sobre prazer ao invés de desejo). Além disso, ele parecia indicar a necessidade de se elaborar outras maneiras de se conduzir, evitando as armadilhas das concepções institucionalizadas quanto ao sexo e seus mecanismos de controle dos indivíduos. Para isso, segundo ele, seria especialmente imprescindível uma alteração de vocabulário e de objetivos. Assim, percebe-se que ao encaminhar seus estudos acerca de sexualidade, o filósofo percebeu a necessidade de buscar outros pontos de vista, outras estratégias de ação. E,

como visto, esses estudos o impulsionaram a um redirecionamento e um recuo à Antiguidade, onde Foucault se deparou com outra forma de moral, outras regras de conduta, que influenciaram a percepção sobre seu próprio contexto. Em suma, com os pontos abordados a respeito dos pensamentos de Foucault é possível perceber que, antes de serem condensadas em um termo, as demandas por novas concepções de sexualidade já estavam sendo problematizadas. Nesse sentido, pode-se dizer que efetivamente havia notável consonância entre o pensamento foucaultiano e os outros pensares, que viriam a afluir no movimento queer conforme se conhece e teoriza na atualidade.

Considerações finais: armários sem portas

As transformações na percepção ocidental sobre as sexualidades ao longo do século XX envolveram embates com os regimes de poder e o sistema patriarcal, promovidos sobretudo pelos movimentos feministas e homossexuais, e possibilitariam o surgimento do pensamento queer nos anos 1990, ao passo que as contribuições de Michel Foucault tiveram determinante participação nas articulações intelectuais e ativistas no que se refere às diferentes formas de conduta sexual. Desde então, os debates e redefinições das relações entre sexo, gênero e sexualidade ganharam uma dimensão sem precedentes históricos.

Nesse processo, podem-se observar significativas mudanças das posturas e das construções de saberes e de poderes associados à reelaboração de termos para se reportar às sexualidades das pessoas, com o intuito de respeitar as diferentes subjetividades manifestadas de múltiplas formas. Nesse sentido, **queer** ao mesmo tempo sintetiza e evoca o pensamento construído por aqueles que não aceitavam ser definidos por nenhum tipo de binarismo e/ou heteronormatividade. Com efeito, o termo passou a representar uma forma de pensar e agir em sociedades, mas também se converteu em uma categoria de identificação para sujeitos com sexualidades dissidentes, configurada pela letra “Q” em versões da sigla LGBTI+ (LGBTQ+ ou LGBTQIA+). Em concordância com Foucault, as categorizações são questionáveis por não serem suficientes para definir as sexualidades, pois as colocam de uma forma compartimentada. Porém, esse formato de especificar as identidades e orientações ainda parece necessário para avançar com políticas de conscientização quanto às diferentes maneiras de se lidar com sexo e gênero. Além disso, como “categoria”, o queer se mostra escorregadio e indisciplinado demais

para ser restrito a um compartimento, e, portanto, o “armário queer” não tem portas. Ou seja, isso que o termo evoca talvez possa ser entendido como uma “categoria de contraconduta” foucaultiana, um campo do pensar e atuar sem a necessidade de intermediários, aberto ao (auto)questionamento no que tange gênero e sexualidades.

Esta questão é perceptível nas readequações pelas quais a política e teoria queer têm passado desde sua eclosão. Tal característica é essencial para sua continuidade enquanto movimento ativo, que pode, inclusive, retomar posturas iniciais de militância mais radical, em meio ao período crítico na crise da aids. Isto especialmente no século XXI, em que precisamos resistir a uma nova ameaça viral, numa crise sanitária agravada por uma onda de retrocesso e avanço de regimes conservadores. Desta forma, ficam em aberto, ainda, reflexões acerca de como as estratégias do ativismo queer diante do enfrentamento com a epidemia letal de HIV no passado recente podem inspirar ações de resignificação e estruturação de novos modos de vida perante as adversidades no tempo presente.

Longe de estar esgotado ou ser dispensável, queer se mostra como um conceito em construção, implicado na complexidade das questões inerentes ao termo. O sujeito queer (assim como a teoria) é aquele que mostra suas próprias “esquisitices”, as quais, de certa forma, são comuns a todos. Isto é, sua própria constituição se traduz em resistência, se manifesta em seu espírito livre. Dito de outra forma, a potência do pensamento queer está na atitude das pessoas que se identificam com o movimento e expõem suas próprias fragilidades, suas “bizarrices”, se tornam a “ovelha negra da família” (ou da sociedade) se mostram como seres imperfeitos, causam incômodo pelo fato de exteriorizarem o lado humano estrategicamente renegado – e fazem disso sua força. Esse aspecto se aproxima notavelmente dos objetos de estudo de Michel Foucault, que atualmente poderia ser considerado tanto um teórico queer quanto uma pessoa queer *avant la lettre*.

Referências

- BESSA, Marcelo Secron. *Os perigosos: autobiografias e AIDS*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- BROOKLYN MUSEUM. *SILENCE=DEATH Project*, 1987. Disponível em <https://www.brooklynmuseum.org/opencollection/objects/159258/>. Acesso em 31 mar. 2020.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1990] 2015.

CANAU, Vera Maria. “Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferenças”. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 45-57, jan./abr. 2008.

FOUCAULT, Michel. “O saber gay”. Entrevista concedida a Jean Le Bitoux. Jul. 1978. *Revista Ecológica*, São Paulo, n. 11, p. 2-27, jan./abr. 2015.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos, vol. II. Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Rio de Janeiro: Florence Universitária, [1994], 2005.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos, vol. V. Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1994], 2017.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos, vol. IX: Genealogia da ética subjetividade e sexualidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1994], 2014.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 1; A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, [1976] 1988.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2; O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, [1979] 2018.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, [2004] 2008.

HALPERIN, David. “Becoming Homosexual: Michel Foucault on the Future of Gay Culture”. *Revista Eco-Pós*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 136-154, set./dez. [1994] 2010.

HALPERIN, David. *Saint Foucault: Towards a Gay Hagiography*. New York: Oxford University Press, 1995.

KEMP, Jonathan. “Queer Past, Queer Present, Queer Future”. *Graduate Journal of Social Science*, London / Amsterdam, v. 6, Special Issue 1, p. 3-23, abr. 2009.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 3. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, [2004] 2018.

MANIFESTO QUEER NATION. Fórum de Antropologia e Cinema, *Caderno de Leituras n.53*. Belo Horizonte: Chão da Feira, [1990] 2016.

MANIFESTO Queer Nation. Fórum de Antropologia e Cinema, *Caderno de Leituras n.53*. Belo Horizonte: Chão da Feira, [1990] 2016. Disponível em <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno-n-53-manifesto-queer-nation/>. Acesso em 16/08/2021.

GRAN FURY (Tom Kalin, Michael Nesline e John Lindeli). “Uma apresentação”. Tradução: FLORESTA, Cecília. In: MESQUITA, André; ESCHE, Charles; BRADLEY, Will (orgs.). *Arte e ativismo*. São Paulo: MASP / Afterall, [1992] 2021.

PRECIADO, Paul. “Aprendiendo del vírus”. *El País*, Madrid, 28 mar. 2020. Opinión. Disponível em https://elpais.com/elpais/2020/03/27/opinion/1585316952_026489.html. Acesso em 01 abr. 2020.

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene. “Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler”. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 155- 167, [1996] 2002.

REIS, Toni (org.). *Manual de Comunicação LGBTI+*. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino / Universidade Federal do Paraná, 2018.

RUPAUL. Born Naked (Stadium Remix), video oficial, 2015. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=G4yCjhoAE_U. Acesso em 30 mar. 2020.

SONTAG, Susan. “Notas sobre o camp”. In: *Contra a interpretação*. Porto Alegre: L&PM, [1964] 1987. p. 318 a 337.

SPARGO, Tamsin. *Foucault e a teoria queer: seguido de Ágape e êxtase: orientações pós-seculares*. Posfácio Richard Miskolci. Belo Horizonte: Autêntica, [1999] 2017.

*Recebido em 20 de agosto de 2021.
Aprovado em 17 de setembro de 2021.*